

qualquer visão do aborto como legítimo método para o planejamento familiar, desapareceu também a perspectiva da legalização universal do aborto. Por ser seguro (*safe*), nem por isso o aborto teria direitos a tornar-se legal, como, por ser legal, não se torna moral.

Quanto à consciência do que foi alcançado pela Santa Sé, os delegados vão desde uma sensação de vitória até à impressão de que apenas "salvou-se o salvável". O essencial, pensa a delegação, é ter cumprido uma missão com consciência e senso de responsabilidade. Dito isto, a Santa Sé considera que, ao longo da Conferência, houve progresso na formulação do projeto do "Programa de ação". Mesmo assim, como já acontecera em Bucareste e no México, agora com maior razão, a Santa Sé não assinou integralmente o documento de consenso. Assinou, porém, várias partes do mesmo, que ela julga boas e positivas.

É impossível desconhecer, minimizar ou negar que, nesta Conferência, como em tantas outras, a presença, a palavra e a ação da Santa Sé tiveram uma grande importância. Digo da *Santa Sé* e não simplesmente do *Vaticano*, porque não é só o minúsculo Estado que toma assento entre as nações e ali se exprime: é a força moral de um homem que conduz espiritualmente 900 milhões de católicos, além de ser chefe daquele Estado *sui generis*. Reafirmando suas convicções mais profundas e seu compromisso com os mais altos valores morais e espirituais, a Santa Sé contribuiu com a Conferência contestando o *draft*, suas carências mais graves, e explicitando dimensões que ele não soube sequer colocar."

## BIBLIOGRAFIA

Pontifício Conselho para a Família, *Evoluções Demográficas: Dimensões éticas e pastorais*, Libreria Editrice Vaticana, 1994

Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família, Boletim Informativo, Brasília, Mai-Jun, 1994

L'Osservatore Romano

CNBB, Boletim "Notícias"

## Endereço do autor:

Caixa Postal 284  
89201-970 JOINVILLE, SC

## Fraternidade e Excluídos

# Os Excluídos - Construtores do Reino nas comunidades da Grande Florianópolis

Pe. Wilson Groh  
Comunidade do Mont Serrat  
Coordenador do CEDEP

**N**a caminhada e partilha de vida com as comunidades pobres, muitas vezes ouço o grito de irmãos e irmãs que dizem: "Hoje não pude dormir porque meu filho não comeu o suficiente para matar o mínimo da fome ontem à noite". "Subi ao meio-dia para almoçar, mas não tinha nada para comer. Tomei um copo d'água com a graça de Deus e desci para trabalhar". "O que significa viver no chão e não ter chão? Trabalhei a vida inteira e chego ao final na miséria, porque não tive carteira assinada, mas lavei muita roupa de doutor nesta cidade"...

Ou situações presenciadas nos últimos meses: crianças comendo restos de cachorro morto, em outro lugar, fritando minhoca para comer ao meio-dia...

Os excluídos têm rosto, endereço, nome: eles estão aí à nossa vista, na rua; eles são parte de nós, pela espécie humana, são nosso sangue, carne, osso...

Manoel BANDEIRA, nos anos 40, já expressava a situação desta realidade, no seu poema "O bicho":

*Vi ontem um bicho  
na imundície do pátio,  
catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa  
não examinava nem cheirava,  
engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,  
não era um gato,  
não era um rato.*

*O bicho, meu Deus... era um homem.*

"O Brasil ingressa na década de 90 com um contingente de 14.4 milhões de famílias (64.5 milhões de pessoas) em condições de pobreza - com rendimento per cápita igual ou inferior a 1/2 salário mínimo, ou seja, com rendimento insuficiente para atender às suas necessidades básicas, alimentares. Dessas famílias, 6.9 milhões de pessoas encontram-se em situação de indigência - com rendimento per cápita igual ou inferior a 1/4 do salário mínimo, onde nem as necessidades alimentares são atendidas. Isto significa que, em 1990, de cada 10 brasileiros, 4,4 eram pobres e, destes, 2,3 eram indigentes" (1).

O mapa do IPEA alerta: **32 milhões de brasileiros** - uma população equivalente à da Argentina - defronta-se, diariamente, com o pesadelo da fome.

### **Os Excluídos da Grande Florianópolis**

A Grande Florianópolis situa-se dentro deste contexto, um modelo social perverso que, nos últimos anos, fez com que milhares de camponeses do interior do Estado viessem para a capital, pela falta de uma política agrícola e de reforma agrária. Também a especulação imobiliária tem afastado muitos pescadores do interior da Ilha, fazendo-os migrar para os morros e a periferia da cidade. O próprio empobrecimento econômico fez com que a miséria aumentasse no interior da cidade. Tudo isso tem causado um processo de exclusão de 12% da população da Grande Florianópolis, realmente empobrecidos. Segundo o mapa do IPEA, existem 80 mil pessoas, nesta área, resvalando para a miséria.

#### **"És tu, Senhor!"**

Resgatar a dimensão humana dos empobrecidos é um ato profundamente evangélico, porque nos faz desvelar a situação na qual eles se encontram e reconhece em seus rostos o Cristo crucificado. Esta é a base teológica que me sustenta nestes 13 anos de trabalho no meio dos mais empobrecidos da Grande Florianópolis, onde o encontro com Ele é uma constante: *"És tu, Senhor!"*

*"És tu, Senhor!"*, presente nas 100 áreas empobrecidas da Ilha e do Continente, onde sobrevivem 80 mil pessoas lesadas nos seus direitos mais fundamentais: comer, vestir, dormir.

*"És tu, Senhor!"*, presente nas centenas e centenas de meninos e meninas que se evadem de nossas escolas e buscam as ruas e o Largo da Catedral, fazendo das marquises a sua casa.

*"És tu, Senhor!"*, presente nos idosos e empobrecidos, deixados de lado porque não produzem mais, chegando ao final da vida sem desfrutar o mínimo de dignidade.

*"És tu, Senhor!"*, presente nos negros, segregados em situações desumanas, e que podem ser considerados os mais pobres entre os pobres.

*"És tu, Senhor!"*, presente nos caboclos vindos do interior do Estado e aboletados nos morros e baixadas de nossa cidade, onde não encontram o mínimo de infraestrutura.

*"És tu, Senhor!"*, presente nos pescadores que abandonaram seus terrenos, pela galopante inflação imobiliária nas 42 praias que adornam nossa Ilha.

*"És tu, Senhor!"*, presente nos milhares de jovens desorientados e sem perspectivas de vida em nossas periferias, por falta de capacitação e de ocupação.

*"És tu, Senhor!"*, presente nos milhares de desempregados, subempregados, mal remunerados, que têm dificuldade de organizar-se e de defender os próprios direitos.

*"És tu, Senhor!"*, presente nos drogados e aidéticos em nossa cidade, que é considerada a segunda no Estado pela incidência do vírus HIV.

*"És tu, Senhor!"*, presente nos inúmeros abortos provocados, pela falta de assistência à saúde preventiva das mulheres empobrecidas...

Creio que a Evangelização não pode, mais que nunca, ser decorativa, como diz Puebla, um verniz superficial. Por isso estes rostos são um imperativo para os nossos planos paroquiais, se queremos ser fiéis ao projeto de Jesus e se pretendemos construir uma Igreja que com lucidez e nova decisão queira evangelizar no fundo, na raiz, na cultura do povo, buscando o estilo de Maria, para que

o Evangelho se torne mais carne, mais coração. E para que a Esperança do Magnificat seja a esperança para esses 80 mil empobrecidos da Grande Florianópolis.

Assumir o Cristo crucificado nestas situações é assumir a sua ação e missão, fazendo com que nossas organizações sejam mediações para concretizar o Reino. Faz-se necessário abrimos as portas das paróquias para que elas se tornem o centro acolhedor destas vidas.

A vida nasce desde o Caos criador. Não existem caminhos prontos, eles vão se reinventando na medida em que vamos dominando o medo e transformando-o em coragem. Como dizia Margarida ALVES: *"É preferível morrer lutando, do que morrer de fome!"*

### **AS COMUNIDADES SE ORGANIZAM**

É da força deste chão que, nos últimos anos, nasceram as organizações das comunidades, buscando a qualidade de vida através do exercício da cidadania. Estas práticas educativas apontaram, desde o início, para a necessidade de investimento em outras formas de organização, que, para manterem o seu potencial educativo, se desdobraram para dar conta da demanda dos excluídos. Por esta razão, as práticas

**"Assumir o Cristo  
Crucificado  
nestas situações  
é assumir  
a sua ação  
e missão"**

educativas de organização das camadas excluídas passaram a cultivar o cruzamento com organizações paralelas da sociedade civil, estabelecendo o princípio da **formação de redes**.

Estas redes vêm criando um novo trançado no tecido social da cidade, a partir da inclusão de novos sujeitos que começaram a surgir, enquanto novos atores do espaço urbano: negros, caboclos, açorianos. Isto propiciou o surgimento de novas relações de parceria com sindicatos, igrejas, escolas, universidades.

As organizações dos excluídos passaram a fomentar e a introduzir outros temas de pauta para os aliados que, até então, só discutiam internamente os problemas de suas categorias.

A prática dos excluídos emerge com um saber que não passa só pelo intelecto, mas que se produz a partir da luta pela sobrevivência: pelo sangue, pela dor, pelo afeto, pelo prazer, pela subjetividade e o desejo de ousar. É um saber construído na prática da horizontalidade e que questiona as formas organizativas verticais e centralizadas.

Estas práticas e/ou experiências indicam que estamos formando uma rede de relações que propicia o exercício da cidadania, não como uma concessão do Estado, mas como uma organização em função dos interesses e necessidades dos grupos sociais. Trata-se de uma cidadania construída.

Dentre as novas práticas organizativas que emergiram, o CEDEP (*Centro de Educação e*

*Evangelização Popular*) surgiu em 1987, caracterizando-se como uma entidade-meio e não fim, tendo como objetivo articular, assessorar e sistematizar as experiências organizativas realizadas por comunidades excluídas.

O CEDEP surge dentro de um tecido social conflitivo, provocado pela ocupação dos espaços urbanos por migrantes e empobrecidos da cidade. Inicialmente estas ocupações se deram de forma espontânea através do processo migratório desenfreado e, posteriormente, de forma organizada através da constituição de uma rede de comunidades que se articularam para defender os seus direitos.

A configuração do CEDEP, enquanto proposta de entidade que vivencia relações horizontais, parte da vertente organizativa de 24 comunidades que mantêm entre si relações de parceria, embasadas num processo histórico de resistência e de experiências de organização comunitária. Neste sentido, a estrutura organizativa do CEDEP nasceu das relações concretas engendradas nos grupos populares, cujas demandas determinaram a criação de setores de atuação, tais como:

**1. Setor de Teologia popular:** presta serviço de assessoria a grupos que desenvolvem atividades relacionadas ao aspecto religioso existente nas comunidades, colaborando para a construção de uma evangelização ecumênica e transformadora.

Atividades que assessora: a) catequese; b) curso de Teologia popular; c) grupos de reflexão e liturgia; d) celebrações; e) encontros; f) grupos de jovens (Juventude do meio popular, PJMP).

**2. Setor de Educação:** tem por objetivo desenvolver atividades educativas com crianças, adolescentes e adultos, visando a conquista da cidadania.

Desenvolve os seguintes projetos: a) oficinas do Saber, trabalho que acompanha 120 crianças em quatro áreas no Continente, as crianças permanecendo um período de três horas, alternado ao tempo da escola; b) alfabetização de adultos em 12 comunidades, atendendo a uma demanda de mais ou menos 100 interessados; c) magistério, atendendo a 130 alunos em parceria com o Colégio "Coração de Jesus", das Irmãs da Divina Providência; d) cursos de extensão na UDESC, para lideranças das comunidades.

**3. Setor de Produção e Abastecimento:** desenvolve nas comunidades formas alternativas nesse âmbito. Atua: a) como assessoria a grupos de produção existentes nas comunidades (padaria, marcenaria, costura, sabão); b) organizando os Armazéns Comunitários existentes em 12 comunidades; c) articulando os grupos de produção e abastecimento para fortalecer os Armazéns Comunitários e construir um sistema de cooperativismo.

**4. Setor de Arte e Cultura:** propõe-se a resgatar e promover os aspectos artísticos e culturais das comunidades. Contribui na organização de: a) uma oficina de expressão cênica; b) Shows populares; c) espaço de valorização do artista popular; d) oficinas de expressão artística e cultural.

**5. Setor de Organização Comunitária:** objetiva apoiar o fortalecimento da organização interna nas comunidades. Presta assessoria para promover: a) articulação entre os vários grupos que exercem atividade nas comunidades; b) redimensionamento da atuação das Associações de Moradores; c) articulação com os demais grupos da sociedade civil organizada.

**6. Setor de Comunicação:** visa discutir o papel da Comunicação na luta popular, e a importância da democratização dos MCS. Contribui com assessoria para: a) produção de material temático para discussão nas comunidades; b) produção de jornais comunitários ou de um "Jornal das Comunidades"; c) produção de vídeos (registro histórico, material de reflexão e de divulgação das atividades desenvolvidas e da caminhada histórica construída); d) relação informativa entre o CEDEP, a sociedade, e as comunidades; e) cursos de Comunicação popular.

## CONCLUSÃO

Esta forma de os excluídos se organizarem em rede, nestas 24 áreas, ligando lideranças de base, agentes pastorais, acadêmicos, profissionais liberais, criou uma perspectiva de resgatar a Utopia do Reino e reinventar o sentido da vida entre eles mesmos.

Os excluídos, que não se incluem no próprio sistema que os exclui, criam novas relações de solidariedade e práticas participativas que começam a se tornar sinais de esperança e pontos de referência para outros segmentos sociais que passam, então, a repensar o próprio estilo de vida.

Por isso, este processo de vida a partir do chão dos excluídos está sendo uma possibilidade de gestarmos novos projetos de sociedade, onde o desafio não se constitui ape-

*“Os excluídos  
criam novas  
relações de  
solidariedade e  
práticas  
participativas”*

nas no ponto de "partida" ou no "ponto de chegada", mas na própria travessia, em virtude do caminho que vai se construindo. Nesta travessia entram em convivência o novo e o velho, o horizontal e o vertical, o popular e o erudito, o objetivo e o subjetivo, o individual e o coletivo, o sonho e o desejo, a utopia e a topia, o trabalho e o prazer, a luta e a gratuidade, o micro e o macro, o moderno e o pós-moderno, o plural e o diferente, para, de forma dialética, construir os novos paradigmas para a sociedade.

Só é possível sermos uma Igreja construtora do Reino de Deus se estivermos abertos a esta realidade das massas excluídas, e se somarmos forças com todos os segmentos sociais existentes: movimentos populares, políticos, culturais, instituições... A meta é trabalhar a realidade dos excluídos que "ainda não reconquistaram a sua subjetividade, a sua dignidade, para que eles possam sair da sua condição de 'massa' e se transformar em sujeito social, participando de algum movimento social organizado"(2).

Termino com um poema do escritor moçambicano Armando ARTUR, que me alimentou nos últimos tempos frente à crise dos paradigmas e na urgência de viver e urgência de ser:

*É urgente inventar novos atalhos,  
acender novos archotes  
e descobrir novos horizontes.*

*É urgente quebrar o silêncio,  
abrir fendas ao tempo  
e, passo a passo, habitar outras noites  
coalhadas de pirilampus.*

*É urgente içar novos versos,  
escalar novas metáforas  
e trazer à tona esperanças  
recalcadas pela angústia.*

*É urgente partir sem medo e sem demora  
para onde nascem sonhos.  
Buscar novas artes  
de esculpir a vida.*

## NOTAS

(1) IPEA, Brasil, *Indicadores sociais*, 1992, p. 5

(2) MO SUNG, J., *Texto de preparação para o próximo Intereclesial*, previsto para 1997

(3) Nota do Redator: Ver, do autor deste artigo, um estudo anterior, no nº 13 desta revista (ENCONTROS TEOLÓGICOS 1992/2, p. 7-9): GROH, Vilson, *Moradia, condição para a cidadania*.

## Endereço do Autor:

*Comunidade do Mont Serrat  
rua General Vieira da Rosa s/n  
caixa postal 3877  
88020-970 FLORIANOPOLIS, SC*

## Fraternidade e Excluídos

# Os Excluídos e as CEB's

*Verônica Velho Haas  
Estudante de Teologia do ITEPA  
Representante das CEBs do Regional Sul IV*

## DE "POBRES" PARA "EXCLUÍDOS"

**A**

té há pouco não era muito comum ouvir falar em "excluídos". O termo mais utilizado era "pobres". As mudanças de palavras significam, muitas vezes, mudanças na realidade ou na maneira de compreender a realidade. É este o nosso caso.

Se olharmos individualmente, parece que não houve muita mudança. Quem era pobre continua sendo pobre. Provavelmente ficou um pouco pior. Mas, se olharmos noutra perspectiva, podemos notar mudanças importantes.

Antes, principalmente até o final dos anos 70, havia no Brasil uma grande esperança no crescimento econômico. Achava-se que, com o desenvolvimento econômico, os pobres deixariam de ser pobres, ou, pelo menos, seriam menos pobres e teriam uma vida melhor. Havia uma espe-